Um novo sistema alimentar numa nova economia *

Artur Cristóvão

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos Transdisciplinares
para o Desenvolvimento
acristov@utad.pt

Paradoxos e mitos do desenvolvimento

Vivemos num mundo pleno de paradoxos e o desenvolvimento, do global ao local, é marcado por mitos que urge desmontar. A agricultura e o sistema alimentar global oferecem-nos exemplos sobejos. Por exemplo, produzimos comida suficiente para alimentar decentemente todo o planeta, mas quase 1 bilião de pessoas sofre de fome e outro bilião de subnutrição. Para contrastar, um bilião come demais e está ameaçado por peso em excesso, doenças cardiovasculares, diabetes e vários tipos de cancro. O mais incrível é que 30 a 50% dos alimentos produzidos se perdem ou são desperdiçados, ou seja, 1,3 biliões de toneladas por ano, segundo estudo da FAO (2011). Nos países pobres perdem-se por deficiente armazenamento, conservação e transporte. Nos países ricos os alimentos são desperdiçados, em casa, nos restaurantes, cantinas, redes de distribuição, supermercados e comércio em geral.

Aqui chegámos por um processo histórico de desenvolvimento, iniciado particularmente a partir da revolução industrial. Roque Amaro, num artigo de 1990, intitulado “Desenvolvimento e Injustiça Estrutural”, refere um conjunto de mitos ou marcas deste desenvolvimento, de que destaco alguns, particularmente importantes no contexto deste artigo: o economicismo, ou a crença de que o crescimento económico é sinónimo de desenvolvimento; o quantitativismo, traduzido na sobrevalorização da quantidade face à qualidade; o industrialismo, que significa a obsessão pela industrialização; o consumismo, ou a crença de que se pode aumentar constantemente a produção se se aumentar incessantemente o consumo (criando necessidades, precarizando os objectos de consumo, criando insatisfação no consumidor); e o urbanismo, traduzido na ideia de que só a cidade é sinónimo de desenvolvimento.

Neste quadro, para onde vamos? É difícil prever. A resposta mais fácil é de que estamos numa encruzilhada e que os caminhos do futuro são estreitos. A resposta mais dramática, porventura mais dura, é dada por Serge Latouche (2011, 38), reputado economista francês: “Vamos directamente contra a parede. Estamos num bólido sem condutor, sem marcha atrás e sem travões que vai despedaçar-se contra os limites do planeta”.

* Texto da apresentação realizada no Hotel Reids, no Funchal, em Seminário realizado no dia 1 de Junho no âmbito da Semana Bio Madeira 2011.

Um desenvolvimento produtor de desconexões e rupturas

O sistema em que temos vivido, assente nestes e noutros mitos, produziu múltiplas desconexões e rupturas, que a pouco e pouco se tornaram evidentes e desafiadoras. Conhecemo-las, mas as soluções ou caminhos para as resolver não são ainda muito evidentes ou são difíceis e lentos de construir ou percorrer. Destacamos quatro em especial, todas interligadas:

- A desconexão economia-ecologia/natureza: a completa cegueira do “supercrecimento económico”, que choca claramente com os recursos finitos do planeta, sendo que a população mundial, de acordo com o *Global Footprint Network*, usa recursos naturais equivalentes a planeta e meio;
- A desconexão economia-ética: a ganância não conhece limites, o que é bem visível na especulação financeira, na exploração humana (que inclui novas formas de escravatura) e na rapina de muitos recursos naturais;
- A desconexão economia-pessoas: a insensibilidade face às desigualdades, ao desemprego e subemprego galopantes, ao desperdício de inteligência, criatividade e energia humanas;
- A desconexão pessoas-ecologia/natureza: o hiperconsumismo crescente, um autêntico predador de recursos e produtor de desperdícios; por exemplo, dados do *Global Footprint Network* (citado por Ferreira, 2011) indicam que são necessários três “portugais” e meio para manter os padrões de consumo de Portugal.

O manifesto “Economia com Futuro - Um compromisso e um apelo”, lançado no passado mês de Abril por um conjunto de economistas e investigadores em ciências sociais, confirma esta análise ao escarpelizar as razões da presente crise e destaca, nomeadamente, “o menosprezo pela ética, a exaltação do mercado, a insensibilidade face às desigualdades e à pobreza, a desvirtuação e subestimação do papel económico do Estado, a desregulamentação da finança, o predomínio dos interesses financeiros sobre o conjunto da vida económica e da sociedade, a extensão injustificada das relações mercantis a domínios cada vez mais alargados da vida social, incluindo áreas tão sensíveis como a prestação de cuidados de saúde, a educação e a protecção na infância e na velhice” (<http://www.economiacomfuturo.org/pages/apelo-e-compromisso.php>).

As disfunções do sistema alimentar global

O caso da agricultura é paradigmático. Já antes referi os flagelos da subnutrição e da sobrealimentação. Mas a própria insustentabilidade do sistema alimentar global é um flagelo. Muitos estudos o têm demonstrado, mas destaco dois em particular, pela sua actualidade e peso científico e institucional: o estudo realizado por uma vasta equipa para o governo do Reino Unido, designado por Foresight (2011); e o estudo de um grupo de peritos produzido para a Comissão Europeia (EC, 2011). As evidências compiladas nestes trabalhos são cristalinas:

- O sistema alimentar tem contribuído para as mudanças climáticas, produz gases com efeito de estufa e outros poluentes, está largamente dependente da energia fóssil, é fortemente consumidor de água potável, tem conduzido à perda de solos

aráveis e de fertilidade, tem causado a erosão da biodiversidade, tem produzido riscos para a saúde e tem gerado assimetrias sociais e territoriais.

Face a este panorama, as conclusões do estudo não deixam margens para muitas dúvidas:

- Temos de levar a sério os limites do planeta;
- A escassez de recursos definirá o futuro da segurança alimentar;
- Temos de compreender melhor a complexidade dos sistemas de agricultura;
- Temos de melhorar a diversidade do sistema alimentar e a sua capacidade de resposta; e
- Temos de estar atentos não só às produções mas também aos padrões de consumo e suas dinâmicas.

Transitar para um novo sistema alimentar numa nova economia

A transição para um novo sistema alimentar vai-se fazendo, lentamente, fruto de muitas iniciativas que germinam em todo o globo, fruto da iniciativa de instituições internacionais, da sociedade civil organizada e de governos nacionais e locais. Alguns autores dizem que temos hoje uma “geografia alimentar híbrida”, ainda dominada pelo modelo agroindustrial, mas crescentemente temperada por iniciativas ancoradas num modelo territorial integrado (Renting e Wiskerke, 2010):

- Enraizado nas características de cada território e integrado como outras actividades, como a conservação da natureza e da paisagem, o turismo e a educação;
- Valorizador dos recursos específicos de cada local e das relações de proximidade; e
- Promotor de distâncias curtas entre produção e consumo e de dietas baseadas em produtos frescos e menos processados, e com menos carne.

Esta transição será facilitada no quadro de um novo paradigma económico, como a designada “bioeconomia” ou “economia ecológica”, que destaca que “o funcionamento do sistema económico, considerado nas escalas temporal e espacial mais amplas, deve ser compreendido tendo-se em vista as condições do mundo biofísico sobre o qual este se realiza, uma vez que é deste que derivam a energia e matérias-primas para o próprio funcionamento da economia” (Amazonas, sd). Em síntese, a bioeconomia preconiza (Passet, 2005):

- O imperativo da articulação entre as esferas económica, natural e humana;
- Que o interesse geral é diferente da soma dos interesses individuais;
- Que existem bens comuns à humanidade (a água, os solos, a qualidade do ar, o equilíbrio ecológico, a biodiversidade, etc.) cujos problemas transcendem a lógica das nações e dos mercados.

O pai deste paradigma é Nicolas Georgescu-Roegen, que, como afirma Latouche (2011, 28), foi dos primeiros a defender “a impossibilidade do crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de substituir a ciência económica tradicional pela

bioeconomia, ou seja, pensar a economia no interior da biosfera”. Como acrescenta este autor, defender a bioeconomia significa “passar de uma economia de predação e pilhagem de recursos naturais, para uma economia que considera a terra como um veículo espacial único, com recursos limitados (Latouche, 2011: 28).

A agricultura biológica e outras formas de produção sustentável enquadram-se na lógica da bioeconomia. O seu crescimento à escala global, em todos os continentes, que entre 2006 e 2008 se estima em 82% (Kearney, 2010: 2800), é prova de que este processo de transição está em marcha.

Para onde vamos?

O mundo encontra-se mergulhado numa crise sem precedentes, financeira, económica, social, energética e ambiental. De repente, percebemos que o futuro será substancialmente diferente do presente. A ideia do progresso permanente e interminável foi definitivamente posta em causa. Dito de outra forma, porventura mais acertada, teremos de redefinir os nossos valores, os nossos padrões de vida e as próprias noções de progresso e desenvolvimento.

A lógica do crescimento e do consumo que nos trouxe até aqui tem de ser mudada. Há cerca de duas décadas, num Seminário realizado em Uppsala, o Reitor da Universidade Sueca de Agricultura, disse algo que na altura me surpreendeu e despertou, que aqui cito de memória: “Se os chineses tivessem o padrão de consumo energético dos suecos, o mundo entraria em colapso”. A verdade é o que os chineses, e outros povos numerosos do mundo, entraram na lógica produtivista e consumista, e os seus padrões de vida e de consumo estão a mudar de forma acelerada e a aproximar-se dos padrões ocidentais.

Para onde vamos então? Contra os limites do planeta e na direcção de “uma regressão social e civilizacional”, como afirma Latouche (2011), ou a caminho de construir uma alternativa económica e de sociedade, com uma outra visão de progresso e desenvolvimento:

- o decrescimento convivial, sereno e sustentável de que também fala Latouche (2011)?
- “um estilo de vida simples por fora e rico por dentro”, como defende Elgin (2010)?
- ou “um estilo de vida desenhado para a permanência”, de que já falava Shumacher em 1973, na célebre obra “Small is Beautiful”?

Cabe-nos construir as respostas e agir em conformidade, individual e colectivamente. O futuro será, certamente, muito diferente do passado e do presente, e poderá ser melhor. A agricultura biológica é, seguramente, um dos segredos para preservar a nossa Terra.

Referências

Amazonas (sd). *O que é a Economia Ecológica*. <http://www.ecoeco.org.br/sobre/a-ecoeco> (consultado a 26 de Julho de 2011.).

- EC (2011) *Sustainable Food Consumption and Production in a Resource-Constrained World. 3rd Foresight Exercise*. Brussels: EC, DG Research and Innovation.
- Economia com Futuro - Um compromisso e um apelo* (2011). <http://www.economiacomfuturo.org/pages/apelo-e-compromisso.php> (consultado a 26 de Julho de 2011.)
- Elgin, D. (2010). *Simplicidade Voluntária. Por um estilo de vida simples por fora e rico por dentro*. Alfragide: Estrela Polar.
- FAO (2011). *Global Food Losses and Food Waste: Extent, Causes and Prevention*. Rome: FAO.
- Ferreira, L. (2011). Portugueses estão também em défice ecológico. *Jornal Público*, 22 de Fevereiro, suplemento alusivo ao Dia da Terra, p. 9.
- Foresight, The Future of Food and Farming (2011). *Executive Summary*. London: The Government Office for Science.
- Latouche, S. (2011). *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*. Lisboa: Edições 70.
- Passet (2005). *La bioeconomía es el nuevo paradigma de la ciencia económica*. http://www.tendencias21.net/La-bioeconomia-es-el-nuevo-paradigma-de-la-ciencia-economica_a590.html (consultado a 26 de Julho de 2011.).
- Renting, H. e H. Wiskerke (2010). *New Emerging Roles for Public Institutions and Civil Society in the Promotion of Sustainable Local Agro-Food Systems*. Actas do 9th European IFSA Symposium, Vienna, Austria.
- Roque Amaro, R. (1990). Desenvolvimento e Injustiça Estrutural, *Communio, Revista Internacional Católica*, Nº 5, pp. 448-459.
- Schumacher, E. F. (1985). *Small is Beautiful*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Kearney, J. (2010). Food Consumption Trends and Drivers, *Philosophical Transactions of the Royal Society – Biological Sciences*, 365, pp. 2793-28007.